

## “PORTUGUÊS DE NEGROS E ESCRAVOS: ATITUDES E PRECONCEITOS HISTÓRICOS”

TANIA ALKMIM  
(UNICAMP)

### INTRODUÇÃO

O interesse pela história dos negros e escravos tem revelado aspectos relevantes para uma compreensão mais global da sociedade brasileira. Submetida à escravidão por mais de 300 anos, a população de origem africana sofreu os horrores desta condição, e foi alvo também de um profundo preconceito, produzido pelo desprezo a sua origem étnica, representada pela sua cor, suas línguas, suas culturas.

Há muitos aspectos importantes a serem pesquisados sobre a história de negros e escravos na sociedade brasileira. O presente trabalho se propõe a focalizar a questão da atitude frente à variedade lingüística falada por negros e escravos, a partir da produção literária brasileira do século XIX. A escolha pela pesquisa em fontes literárias se justifica, inicialmente, pela ausência de documentação sistemática sobre a linguagem de negros e escravos, em geral. Ao lado disto, vale destacar que a busca de informações sobre a linguagem de negros e escravos apontou a produção literária como uma fonte relevante para o estudo da questão. E neste sentido, o século XIX se revelou um período decisivo: é este o momento em que se concretizam os movimentos abolicionistas que, inicialmente, envolveram as elites urbanas, e se propagaram na sociedade brasileira da época. Ao lado de outros atores sociais, os escritores brasileiros trouxeram o tema da escravidão para o centro de suas atividades e, neste contexto, alguns deles não só forneceram testemunhos preciosos sobre a realidade lingüística de negros e escravos como manifestaram atitudes frente à prática lingüística destes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é parte de uma pesquisa em andamento, intitulada “Linguagem de negros e escravos: um estudo a partir da literatura brasileira do século XIX”. (Projeto financiado pela FAPESP).

## FALAM NEGROS E ESCRAVOS: ATITUDES

Como falavam os negros e os escravos ?

Não se dispõem de muitas informações a respeito deste fato histórico. Encontramos algumas delas em relatos de cronistas, historiadores e viajantes, como por exemplo:

(1) “Frei Vicente do Salvador, em sua obra *História do Brasil*, de 1627, reproduz a seguinte frase do negro Bastião: *Não retira, não, sipanta, sipanta.*” ( apud SILVA Neto(1950), p.69).

(2) O francês Saint-Hilaire, em um de seu relatos de viagens pelo Brasil do século XIX, ao comentar a fala dos habitantes do Espírito Santo, observa: “... feria-me o ouvido, sobretudo essa supressão, quase inteira, do *r* final, talvez adquirida dos negros e que deixa a pronúncia destes últimos tão infantil e estúpida.” ( apud SILVA Neto (1950), p.200).

Observando a produção literária do século XIX, encontramos diversas personagens negras e escravas em obras de um número significativo de autores.<sup>2</sup> Em algumas destas obras, as falas de negros e escravos são representadas de modo distinto da de personagens brancas: apresentam marcas fonéticas, gramaticais e discursivas particulares. Citamos abaixo alguns exemplos:

(3) Marca discursiva: uso do próprio nome em situação de interação.

“- Oh! Pedro vai levar à viúva.” ( moleque Pedro, de *O Demônio Familiar*, José de ALENCAR, 1857 ).

(4) Marca fonética: ieísmo.

“muié” (escrava mulata Corumba, de *D. Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira PAIVA, 1890).

(5) Marca gramatical: *ele* como acusativo.

“Foi mulher que comprou ele.” (escravo Liberato, de *Sangue Limpo*, de Paulo EIRÓ, 1861).

Embora pouco numerosos, mas muito marcantes, encontramos também alguns comentários e reflexões a respeito da fala de negros e escravos, feitos por destacados escritores do século XIX. Tais comentário e reflexões, em nossa avaliação, merecem ser analisados, porque parecem refletir uma atitude geral da sociedade brasileira da época frente a um aspecto particular e fundamental da população de origem africana.

Quem são os negros e escravos cujas falas estão representadas nas fontes literárias do século XIX?

---

<sup>2</sup> V. SAYERS (1958) e MENDES (1982).

No universo das personagens representadas, encontramos escravos, livres, africanos, crioulos, mestiços, de origem rural e urbana, escravos do eito e domésticos, moleques, pajens, mucamas, pretos de ganho. São homens e mulheres, de distintas faixas etárias, vivendo ou tendo nascido em regiões como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, etc..

Numa perspectiva geral, podemos identificar dois tipos básicos de personagens: africanos e crioulos. Esta distinção inicial tem uma profunda repercussão no plano do domínio - eficiente ou não - da língua portuguesa: os

africanos, em geral, exibem uma variedade de português característica, por vezes incompreensível, marcada por incorreções variadas. A peça *Os extremos*, de Aníbal Teixeira de SÁ (1866) nos oferece um exemplo interessante. Nesta, vemos um diálogo entre Pai Francisco, velho escravo africano, e sua senhora:

(6) “Margarida: Quem é?

Pai Francisco: Uma sinhazinha que rê qué fará.

Margarida: Bonita ou feia?

Pai Francisco: Boa peixe, sim siô.

Margarida: Fala claro, bruto.

Pai Francisco: Tá fazendo craro ... é boa peixe.” (ato I, cena III)

O trecho reproduzido acima pode ser tomado como exemplo de uma situação comum: a perturbação no processo de interação verbal gerada pela incompreensão da variedade de português usada pelo escravo africano. Mas, o referido diálogo deixa perceber ainda um outro fato significativo: a atitude da senhora frente à linguagem e à pessoa do escravo. Como vemos, o escravo não só não fala claro como também é qualificado como bruto. Os comentários de alguns autores nos oferecem exemplos ainda mais significativos, pois além de serem incisivos e muito objetivos, são elementos fundamentais da construção das personagens, reforçando, em muitos casos, o caráter ingênuo, estúpido ou violento destes. Destacaremos, a seguir, trechos de obras de alguns autores em que podemos observar e inferir atitudes frente à fala de negros e escravos.

Joaquim Manuel de MACEDO, em sua trilogia *As Vítimas-Algozes*, constituída por *Simeão, o crioulo*, *Pai Raiol, o feitiçeiro* e *Lucinda, a mucama*, de 1869, expõe, ao longo dos seus textos, sua posição abolicionista e ao mesmo tempo desenvolve uma reflexão sobre o escravo como um perigo doméstico, sobre a superioridade do escravo crioulo, etc.. Seus comentários explicitam, antes de mais nada, a crença no feito desagregador e nefasto que resultou do contato com a tradição africana. Assim, temos,:

(7) “ O gérmem lançado superabundantemente no solo desenvolveu-se, a planta cresceu, floresceu e frutificou: os frutos foram quase todos venenosos.

Um corrompeu a língua falada pelos senhores.

Outro corrompeu os costumes e abriu fontes de desmoralização.

Outro corrompeu as santas crenças religiosas do povo introduzindo nelas ilusões infantis, idéias absurdas e terrores quiméricos.” (*Pai Raiol, o feiticeiro*, p.73).

Mais especificamente, MACEDO avalia as variedades lingüísticas faladas por crioulos e africanos, estabelecendo juízos de valores bem claros. É assim que o autor se refere aos três personagens centrais da trilogia:

(8) Sobre o escravo doméstico Simeão, crioulo, vinte anos: “...era um escravo de cabelos penteados, vestido com asseio e certa faceirice, calçado, falando com vícios de linguagem triviais do campo, mas sem a bruteza comum na gente de sua condição ...”. (*Simeão, o crioulo*, p.15).

(9) Sobre a escrava Lucinda, crioula, mucama, doze anos: “Lucinda era aos doze anos uma crioula quase mulher (...) muito viva e alegre (...) com pretensões a bom gosto no vestir (...) exprimindo-se com facilidade e sem notáveis erros na linguagem trivial.” (*Lucinda, a mucama*, p.166).

(10) Sobre o escravo Pai Raiol, africano, entre trinta e trinta e cinco anos: “Depois de breve silêncio, o Pai Raiol falou. Por negação, por incapacidade, ou enfim por amor de sua língua ou dialeto selvagem, mas pátrio, o rancoroso escravo apesar de trazido ao Brasil há cerca de vinte anos, exprimia-se mal e disformemente em português, introduzindo muitas vezes na sua agreste conversação juras e frase africanas. O leitor deve ser poupado dessa algaravia bárbara.” (*Pai Raiol, o feiticeiro*, p.96).

Vemos que a língua de Pai Raiol é qualificada como “dialeto selvagem”, e que sua variedade de português é má, deformada, misturada, concretamente, uma “agreste conversação”, uma “algaravia bárbara”. Tudo isto contrasta com as observações bem amenas sobre a fala de Simeão e Lucinda. O contraste mais profundo é dado pela avaliação da estrutura mental e da sociabilidade do escravo africano: a primeira explicaria a incapacidade de aprender uma língua, a segunda a rejeição ao português. Quanto aos crioulos: facilidade de expressão, sem a bruteza comum aos escravos.

Em um outro trecho, MACEDO aponta um outro tipo de distinção existente entre escravos, que tem repercussão no plano lingüístico: escravos ladinos e boçais. Referindo-se mais uma vez a Pai Raiol, o autor comenta:

(11) Tudo isto foi dito com a palavra estropiada e bárbara do africano boçal e rancoroso.” (p.96).

Como boçal, isto é não aculturado, o escravo não dominava o português, mais do que isso não o desejava - já que vivia no Brasil há mais de vinte anos.

Contemporâneos de MACEDO, José de ALENCAR e Bernardo GUIMARÃES oferecem também suas apreciações sobre a linguagem de negros e escravos. De modo semelhante a MACEDO, vemos que ALENCAR, em *O*

*tronco do ipê*, de 1871, dá indicações sobre a realidade mental do escravo africano e as implicações lingüísticas daí decorrentes:

(12) “O preto a seu lado, como um instrumento perro a que houvessem dado corda, começou a cantilena soturna e monótona que é o eterno solilóquio do africano. Essas almas rudes não se compreendem a si mesmas sem falar para se ouvirem o que pensam ... .” (p.11).

Em outras palavras, fala solitária e rudeza de alma se associam no escravo africano. Ainda na mesma obra, ALENCAR faz duas outras observações. Na primeira, ele sublinha o traço da infantilidade:

(13) “A linguagem dos pretos, como a das crianças, oferece uma anomalia muito freqüente. É a variação constante da pessoa em que fala o verbo; passam com extrema facilidade do *ele* ao *tu*. Se corrigíssemos essa irregularidade, apagaríamos um dos tons mais vivos dessa frase singela.” (p.24).

Na segunda observação, também como MACEDO, ALENCAR qualifica negativamente a variedade lingüística de escravos: “Os pretos da fazenda, uniformizados de calça e camisa de riscado com cinta de lã encarnada, passavam um a um pela frente do presépio, ajoelhando para fazer oração, e cantando na sua meia língua um louvor à Nossa Senhora.” (p.98).

Bernardo GUIMARÃES, também em 1871, no seu conto “Uma história de quilombolas”, apresenta um breve olhar sobre as línguas africanas:

(14) “O juramento consistia em horríveis palavras cabalísticas em língua africana, e do qual a tradição não nos deixou a fórmula.” (p.14).

Como se pode ver, não é um olhar positivo: a associação entre língua africana e juramento sugere grande perigo.

Já na década de 80, encontramos dois autores, cujos comentários são de interesse lingüísticos: José FRANÇA Jr. e Júlio RIBEIRO.

Na peça *Como se Fazia um Deputado*, de 1882, FRANÇA Jr. assinala, com muita propriedade, a questão da distinção entre linguagem de escravo *novo* ou recém-chegado e escravo ladino - este último sinônimo de falante de bom português. Assim é que, em um diálogo, o senhor chama a atenção do seu escravo Domingos para a necessidade de utilização de uma variedade de português adequada, pois este, por fraude, deveria passar por homem livre. Isto é, um negro livre deveria falar bem, como homem branco. Observemos o trecho referido:

(15) “Limoeiro: Muito bem. Veja lá, quando entregar a lista, se vai falar como o negro do Ribeiro: aqui está *biete que siô moço Seu Zé Ribeiro mandou pra sinhô*.”

Domingos: Eh! Eh! Domingos não é negro novo. Eu já não tem votado tantas vezes? (p.142).

Júlio RIBEIRO, em *A carne*, de 1888, se vale das mesmas expressões observadas, anteriormente, em outros autores, para caracterizar a fala do velho escravo africano Joaquim Cambinda, como se pode ver nos trechos abaixo:

(16) “- Que era muito bom, explicou Joaquim Cambinda na sua meia língua, pertencer um negro à irmandade ...” (p.88).

(17) “- Vá são cristo, sinhô. Sinhô mandou chamar negro velho, negro velho está aqui, disse na sua algaravia bárbara, horripilante, impossível de reproduzir.” (130).

Mais uma vez, “meia língua”, “algaravia bárbara” aparecem como definidores da variedade lingüística de um negro africano.

É, também, em *A Carne*, que Júlio RIBEIRO utiliza o procedimento mais significativo para marcar e caracterizar a “algaravia bárbara” do escravo boçal. Ao descrever um ritual de iniciação à irmandade de São Miguel, em que o chefe, Joaquim Cambinda, recebe o neófito Jerônimo, o autor tenta uma ousada reprodução da interação verbal entre os participantes, simulando a variedade oral de escravos. Nesta simulação, não só previne-se dos riscos de uma incompreensão por parte do leitor como também exhibe a face disforme da variedade: utiliza notas de rodapé, com as “traduções” da fala dos escravos em bom português. Vemos, assim,:

(18) “- Féssa póta. (1)”

(19) “- Zelomo, disse Joaquim Cambinda, ussê pensô bê nu quê ussê vai fazê, lapassi?

- Pensô, *mganga*.

Intonsi, ussê qué mêmo si rissá ni rimanari ri San Migué rizáma?

- Qué, *mganga*. (2)”

As “traduções” de RIBEIRO são as que se seguem:

(1) “Fecha a porta.”

(2) “- Jerônimo, você pensou bem no que você vai fazer, rapaz?

- Pensei, mestre.

- Então, você quer mesmo alistar-se na irmandade de São Miguel das Almas?

- Quero, mestre.

A palavra *mganga* é termo africano: significa, *senhor do tempo, distribuidor da chuva*, e por extensão *teólogo, sacerdote, mestre*.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a produção literária do século XIX, vemos que negros e escravos aparecem quase sempre como seres inferiores. Do melhor ângulo, eles são mostrados como “escravos fiéis”, ingenuamente gratos e apegados a seus senhores. Há, também, muitos negros e escravos, aculturados ou não, apresentados como personagens heróicos, generosos, “negros de alma branca” enfim. No pólo oposto, estão os perigosos feiticeiros, os bárbaros, os ingratos, os violentos, os preguiçosos, os estúpidos, os lascivos. Vistos através da perspectiva de uma sociedade escravocrata, negros e escravos não escapam à representação estereotipada e preconceituosa: a linguagem usada por estes não poderia ser uma exceção.

A respeito do ambiente político e intelectual do século XIX, o trabalho de Célia M.M. AZEVEDO (1987), *Onda Negra, Medo Branco*. O negro no imaginário das elites - Século XIX, é muito informativo, pois revela questões discutidas e analisadas pela sociedade da época. Nesse sentido, a referida autora nos informa que “os temas do baixo nível da população negra, índia e mestiça, e da vagabundagem” (p.48) estão sempre presentes nas reflexões de políticos, reformadores, intelectuais, etc., que as divulgavam em jornais, memoriais, livros e discursos. É oportuno considerar, aqui, alguns exemplos. Vemos, assim, o Marquês de Queluz, crítico do tráfico de escravos e do sistema escravista, em 1821, referir-se aos africanos como bárbaros que vivem “sem moral, sem leis, em contínua guerra (...) vegetam quase sem elevação sensível acima dos irracionais ...”<sup>3</sup>. Frederico L.C. Burlamaque, doutor em Ciências Matemáticas e Naturais pela Escola Militar, outro crítico da escravidão, considerava, em 1837, que os negros eram perigosos - verdadeiros “inimigos domésticos” - “cujo único fito deve ser a destruição e o extermínio de seus opressores.” Além disto, para Burlamaque, os negros eram pouco inteligentes e “de uma incúria e imprevisão que revolta; eles vegetam no estado o mais vizinho do mais bruto animal ...”<sup>4</sup>. É interessante observar, por fim, que o médico francês Louis Couty, professor da Escola Politécnica do Museu do Rio de Janeiro, nos anos 80, focalizou em seus escritos, temas como a vagabundagem, a tendência ao alcoolismo e à marginalidade, e a inferioridade racial dos negros. Vale citar, a propósito, um trecho do seu livro *L'esclavage au*

---

<sup>3</sup> João Severiano Maciel da Costa, Marquês de Queluz (1821). **Memória sobre a Necessidade de Abolir a Introdução dos Escravos Africanos no Brasil; sobre o Modo e Condições com que esta Abolição se Deve Fazer; e sobre os Meios de Remediar a Falta de Braços que ela Pode Ocasionar.** (apud AZEVEDO).

<sup>4</sup> Frederico L.C. Burlamaque (1837). **Memória Analytica á Cerca dos Males da Escravidão Doméstica.** (apud AZEVEDO).

*Brésil*, de 1881: “Como as crianças, eles têm os sentidos inferiores e sobretudo o paladar e a audição relativamente desenvolvidos. O negro gosta do tabaco (...); ele adora as coisas açucaradas, a rapadura; mas o que mais ele gosta acima de tudo é da cachaça (...). Para conseguir cachaça, ele rouba, ele rouba (...) e sacrificando tudo a esta paixão, inclusive a própria liberdade, ele trabalhará até no domingo (...).”<sup>5</sup>

Há muitos pontos de contato entre atitudes manifestas por escritores e o pensamento de integrantes da elite, intelectual e política, do século XIX, como indicam os exemplos retirados da obra de AZEVEDO. No caso particular de MACEDO (1869) e Burlamaque (1837), as afinidades são muito evidentes: ambos, defensores da abolição, sustentam a tese de que, com sua crueldade, a escravidão gera “inimigos domésticos”, além de estarem certos da inferioridade absoluta dos negros.

Como se vê, o fato de autores do século XIX falarem em “meia língua”, “dialeto selvagem”, “algaravia bárbara”, atribuírem características infantis à mente e à fala dos negros, explicitarem a crença na inferioridade racial e cultural da população de origem africana não se deve a nenhuma casualidade. É possível ver aí uma perfeita consonância de escritores com a sua época.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de (1857). *O Demônio Familiar*. Rio, MEC/Serviço de documentação, 1957.
- \_\_\_\_\_. (1871). *O Tronco do Ipê*. S.Paulo, 5ª. ed., Ática, 1982.
- AZEVEDO, Célia M.M. (1987). *Onda Negra, Medo Branco*. O negro no imaginário das elites - Século XIX. S.Paulo, Paz e Terra.
- EIRÓ, Paulo (18610). *Sangue Limpo*. S.Paulo, Dep. de Cultura/Divisão do Arquivo Histórico, 1949. (Separata da Revista do Arquivo Municipal, no. CXIX.).
- FRANÇA Jr., Joaquim José da (1882). *Como se Fazia um Deputado in Teatro de França Jr.*. Rio, Serviço Nacional de Teatro, 1980.
- GUIMARÃES, Bernardo (1871). “Uma história de quilombolas” in *Lendas e romances*. S.Paulo, Martins, s/d..
- MACEDO, Joaquim Manuel de (1869). *As Vítimas-Algozes*. S.Paulo, Scipione, 1991.
- MENDES, Miriam G. (1982). *A Personagem Negra no Teatro Brasileiro (entre 1838 e 1888)*. S.Paulo, Ática.

---

<sup>5</sup> Louis Couty (1881). *L’esclavage au Brésil*. (apud AZEVEDO).

PAIVA, Manuel de Oliveira (1890). *D.Guidinha do poço* in *Obras completas*. Graphica, 1993.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. Rio, Francisco Alves, 1952.

SÁ, Aníbal Teixeira de (1886). *Os Extremos*. Rio, Tip. De J. Charega, 1866.

SAYERS, R.S. (1958). *O Negro na Literatura Brasileira*. Rio, Edições O Cruzeiro.

SILVA Neto, Serafim (1950). *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio, Presença, 1977.